

VERONICA  
ROTH

AUTORA DA SÉRIE BEST-SELLER DIVERGENTE

OS ESCO-  
LHIDOS



# OS ESCOLHIDOS

VERONICA  
ROTH

Tradução de Flora Pinheiro



Copyright © 2020 by Veronica Roth

TÍTULO ORIGINAL  
Chosen Ones

PREPARAÇÃO  
Clara Alves  
Thaís Entriel

REVISÃO  
Júlia Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

ARTE DE CAPA  
Jim Tierney

ADAPTAÇÃO DE CAPA  
Anderson Junqueira

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R754e

Roth, Veronica, 1988-

Os escolhidos / Veronica Roth ; tradução Flora Pinheiro. -  
1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2022.  
464 p. ; 23 cm. (Os escolhidos ; 1)

Tradução de: Chosen ones  
ISBN 978-65-5560-486-3

1. Ficção americana. I. Pinheiro, Flora. II. Título. III. Série.

22-76726

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

[2022]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

Editora Intrínseca Ltda.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 6º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

*Lago Michigan*

**DRAKE HOTEL**

← **PARA UPTOWN**

Michigan Avenue

Wabash Avenue

State Street

Dearborn Street

LaSalle Street

Wells Street

Franklin Street

**WABASH AVENUE BRIDGE (IRV KUPCINET BRIDGE)**

**MONUMENTO AOS DEZ ANOS**

**LOCAL ONDE O SINISTRO FOI DERROTADO**

Wacker Drive

**THOMPSON CENTER**

*N. Branch Chicago Road*

**CHICAGO**

MILHAS 1/2

METROS 500



ART INSTITUTE  
OF CHICAGO



WILLIS  
TOWER



UNION  
STATION



CREMATÓRIO

PARA →  
HYDE PARK

PARA →  
BRIDGEPORT

S. Branch

TRECHO DE  
*Espectáculo de stand-up da comediante Jessica Krys*  
Laugh Factory, Chicago, 20 de março de 2011

Eu tenho uma perguntinha para vocês: como é que o título dele acabou sendo “Tenebroso”, hein? Sério, um cara aparece do nada em uma nuvem de fumaça ou alguma merda dessas, literalmente desmembra as pessoas — só com o poder da mente, ao que tudo indica —, reúne um exército de seguidores, arrasa cidades inteiras em um grau de destruição até então inédito para a humanidade... e “Tenebroso” é o melhor nome em que a gente conseguiu pensar? Dava no mesmo ter usado o nome daquele vizinho meio esquisito que fica encarando os outros no elevador do prédio. Sabe aquele cara com as mãos suadas e macias? Tim. O nome dele é Tim.

Se dependesse de mim, eu teria escolhido algo tipo “Augúrio da Perdição em Forma de Gente” ou “Máquina Assassina dos Infernos”, mas, infelizmente, ninguém pediu minha opinião.

TRECHO DE  
*O Tenebroso e o surgimento da magia moderna*  
escrito pelo professor Stanley Wiśniewski

Há, é claro, quem argumente que a força pouco compreendida informalmente chamada de “magia” tenha sempre existido na Terra de alguma forma. Lendas sobre incidentes sobrenaturais remontam ao início da história da humanidade, desde os *mágoi* de Heródoto, que controlavam o vento, até Dedi, mago do Egito Antigo, que fez uma exibição decapitando pássaros como gansos e pelicanos e depois ressuscitou-os, conforme registrado no Papiro Westcar. Pode-se dizer que a magia tem um papel importante em quase todas as principais religiões, desde Jesus Cristo transformando água em vinho até práticas haitianas de vodu, assim como os monges budistas Teravada levitando no Dīrgha-āgama — embora, deva-se lembrar, esses atos não sejam chamados de “magia” pelos adeptos.

Histórias como essas, grandes e pequenas, aparecem em todas as culturas, em todas as regiões, desde sempre. Antigamente, os estudiosos poderiam ter dito que faz parte da natureza humana inventar narrativas criativas para explicar coisas que não entendemos ou engrandecer aquelas que consideramos superiores ou maiores que nós. Mas, então, o Tenebroso surgiu e, com ele, vieram os Drenos — os infames eventos catastróficos que não podiam ser explicados, por mais que os cientistas tentassem. Talvez as lendas antigas sejam todas falsas. Mas talvez sempre tenha havido uma força supranormal, uma energia pouco compreendida, inserida em nosso mundo.

Qualquer que seja a teoria postulada, uma coisa é certa: nenhuma “magia” foi tão evidente ou poderosa quanto os Drenos que o Tenebroso empregou contra a humanidade. O objetivo deste artigo é explorar várias hipóteses sobre por que isso aconteceu. Em outras palavras, por que agora? Quais foram as circunstâncias que levaram à sua chegada? Qual era seu objetivo antes de ser frustrado pelos cinco Escolhidos? Que efeito ele teve no planeta desde sua morte?

## SLOANE ANDREWS NÃO ESTÁ NEM AÍ (É SÉRIO)

*Rick Lane*

Revista *Trilby*, 24 de janeiro de 2020

Não gosto de Sloane Andrews. Mas talvez eu sinta atração por ela.

Eu a encontro na cafeteria do bairro onde mora, um dos lugares que costuma frequentar — ou pelo menos é o que ela diz. O barista não parece reconhecê-la como uma cliente regular ou como um dos cinco adolescentes que derrotaram o Tenebroso há quase uma década. O que, para ser sincero, é notável, porque, fama à parte, Sloane Andrews tem aquele tipo de beleza boazinha e limpinha que dá vontade de sujar. Se usa maquiagem, não dá para perceber; sua pele clara é perfeita e tem grandes olhos azuis; ela parece um anúncio de cosméticos ambulante. Está usando um boné dos Cubs, com o longo cabelo castanho preso na parte de trás, uma camiseta cinza justa nos lugares certos, uma calça jeans rasgada que mostra pernas longas e torneadas e um par de tênis. O tipo de visual que diz que ela está cagando para roupas e até para o corpo esbelto e magro que as usa.

E a questão com Sloane é a seguinte: eu acredito. Acredito mesmo que ela está cagando, inclusive para mim. Ela nem queria fazer esta entrevista. Segundo ela, só aceitou porque

seu namorado, Matthew Weekes, outro Escolhido, pediu que divulgasse seu novo livro, *A escolha continua* (lançamento em 3 de fevereiro).

Quando conversamos, antes da entrevista, ela não deu muitas opções sobre onde poderíamos nos encontrar. Embora Chicago inteira saiba onde Sloane mora — no bairro North Side de Uptown, a poucos quarteirões da Lake Shore Drive —, ela se recusou a me receber em seu apartamento. *Eu não saio*, escreveu ela. *Sou abordada sempre que vou a algum lugar. Então, a menos que queira tentar me acompanhar em uma corrida, só aceito se for no Java Jam.*

Não sei se conseguiria fazer anotações e correr ao mesmo tempo, então optei pelo Java Jam.

Depois de garantir seu café, ela tira o boné de beisebol e deixa o cabelo cair sobre os ombros como se tivesse acabado de se levantar da cama. Mas algo em sua expressão — talvez os olhos ligeiramente próximos demais ou a maneira como inclina a cabeça bruscamente quando não gosta de algo que acabou de ser dito — a faz parecer uma ave de rapina. Ela virou o jogo com um único olhar, e agora sou eu quem está em alerta,

não ela. Eu me atrapalho procurando a primeira pergunta e, enquanto a maioria das pessoas teria sorrído, tentando ser simpática, Sloane fica só olhando.

“O aniversário de dez anos de sua vitória sobre o Tenebroso está chegando”, começo. “Como você se sente?”

“Sobrevivendo”, responde ela. Sua voz dura e fria provoca um arrepio por minhas costas, e não consigo descobrir se isso é bom ou não.

“Não se sente triunfante?”, pergunto, e ela revira os olhos.

“Próxima pergunta”, diz, e toma seu primeiro gole de café.

É quando percebo: não gosto dela. Essa mulher salvou milhares — não, milhões — de vidas. Caramba, ela provavelmente salvou até a *minha*. Aos treze anos, junto com mais quatro adolescentes, foi nomeada pela profecia como alguém que derrotaria um ser maligno todo-poderoso. Sobreviveu a várias batalhas contra o Tenebroso — e também a um breve sequestro, cujos detalhes nunca revelou — e saiu sã, salva e linda, mais famosa do que qualquer outra pessoa na história. E, ainda por cima, está em um relacionamento de anos com Matthew Weekes, menino de ouro, Escolhido entre os Escolhidos e talvez a pessoa mais gentil do planeta.

Mas mesmo assim não gosto dela. E Sloane não está nem aí.

É por isso que me sinto atraído por ela. Como se, ao deixá-la nua em

minha cama, eu pudesse forçá-la a ter algum tipo de calor ou emoção. Ela me transforma em um macho alfa, um caçador, determinado a conquistar a presa mais esquiva do planeta e a colocar sua cabeça empalhada na parede da sala como um troféu. Talvez seja por isso que ela seja abordada em público — não porque as pessoas a amam, mas porque *querem* amá-la, querem torná-la amável.

Quando Sloane pousa a caneca na mesa, vejo a cicatriz nas costas de sua mão direita. É larga, atravessando o dorso inteiro, irregular e grossa. Ela nunca explicou sua origem, e tenho certeza de que não me dirá, mas preciso perguntar mesmo assim.

“Foi um corte de papel”, responde.

Tenho quase certeza de que era para ser uma piada, então rio. Pergunto se ela vai comparecer à inauguração do Monumento aos Dez Anos, uma instalação de arte montada no local onde o Tenebroso foi derrotado, e ela me diz: “Faz parte do trabalho”, como se fosse um emprego comum em vez de, literalmente, seu destino.

“Parece que você não gosta”, comento.

“Dá para perceber?” Ela abre um sorrisinho.

Antes da entrevista, perguntei a alguns amigos o que achavam dela para ter uma ideia de como o cidadão médio vê Sloane Andrews. Um deles comentou que nunca a tinha visto

sorrir de verdade, e, sentado na frente dela, me pergunto se ela sorri. Até faço a pergunta em voz alta — estou curioso para ver como ela vai reagir.

Nada bem, descubro.

“Se eu fosse homem”, rebate ela, “você me perguntaria isso?”.

Mudo de assunto o mais rápido possível. Isso parece mais uma partida de Campo Minado do que uma conversa, e vou ficando cada vez mais tenso, pois a cada clique aumentam as chances de eu acionar uma das minas. Clico de novo, perguntando se esta época do ano a faz se lembrar do passado.

“Tento não pensar nisso, senão minha vida se tornaria um Calendário do Advento. A cada dia teria um chocolate novo com o formato do Tenebroso, todos com gosto de merda.”

Clico mais uma vez, perguntando se há alguma lembrança boa.

“Nós éramos amigos, sabe? Sempre seremos. Nossas conversas se resumem quase exclusivamente a piadas internas quando estamos juntos.”

Ufa. Acho que é seguro perguntar a ela sobre os outros Escolhidos: Esther Park, Albert Summers, Inês Mejia e, é claro, Matthew Weekes.

É aí que finalmente a entrevista deslança. Os chamados Escolhidos ficaram próximos bem rápido depois de se conhecerem, e Matt se mostrou o líder natural. “É o jeito dele”, conta Sloane, parecendo quase irritada com isso. “Sempre assume o

controle, a responsabilidade. Lembra a gente de pensar na ética. Essas coisas.”

Surpreendentemente, não foi de Matt que ela se aproximou primeiro, mas de Albie. “Ele era na dele”, explica, e isso é um elogio. “Todos os nossos irmãos e pais haviam morrido — isso fazia parte da profecia —, mas a morte do meu irmão era a mais recente. Eu precisava de silêncio. Além disso, Meio-Oeste e Alberta são lugares parecidos.”

Albert e Inês moram juntos em Chicago — como amigos, já que Inês se identifica como lésbica —, e no ano passado Esther voltou para Glendale, na Califórnia, para cuidar da mãe doente. Segundo Sloane, a distância tem sido difícil para todos, mas, felizmente, eles podem acompanhar o dia a dia de Esther em sua página ativa (e popular) no Insta!

“O que você acha do movimento Todos Escolhidos que surgiu nos últimos anos?”, pergunto. Trata-se de um grupo pequeno, embora expressivo, que defende uma ênfase maior no papel que os outros quatro Escolhidos desempenharam na derrota do Tenebroso, em vez de atribuir a vitória principalmente a Matthew Weekes.

Sloane não mede palavras.

“Eu acho racista.”

“Há quem diga que botar Matt acima do resto de vocês é machista”, aponto.

“O que é machista é ignorar o que eu penso e alegar que não sei do que estou falando”, retruca ela. “Acho que Matt é o verdadeiro Escolhido. Eu já disse isso várias vezes. Não finja que está me fazendo um favor ao tentar diminuí-lo.”

Em seguida, muda o foco da conversa dos Escolhidos para o Tenebroso, e então tudo desanda. Pergunto a Sloane por que o Tenebroso parecia ter um interesse especial nela. Ela mantém o contato visual enquanto toma o restante de seu café e, quando pousa a xícara, sua mão está tremendo. Depois, coloca o boné do Cubs sobre sua gloriosa cabeleira bagunçada pós-sexo e diz: “A entrevista acabou.”

E, se ela diz que acabou, então acho que acabou, porque Sloane vai embora. Jogo uma nota de dez na mesa e

corro atrás dela, sem querer desistir tão fácil. Já falei que Sloane Andrews me transforma em um caçador?

“Eu tinha um assunto proibido”, reclama, exaltada. “Você lembra qual era?” Ela está corada, furiosa e radiante, metade dominatrix, metade gata de rua. Por que esperei tanto para irritá-la? Eu poderia estar olhando para essa imagem o tempo todo.

O assunto proibido era, obviamente, qualquer coisa específica sobre sua relação com o Tenebroso. Ela não podia esperar que eu fosse cumprir a exigência, retruco. É a coisa mais interessante sobre ela.

Sloane me encara como se eu fosse um pedaço de papel molhado na poça de um beco, manda eu ir me foder e atravessa a rua fora da faixa para sair de perto de mim. Desta vez, eu a deixo ir.

○ Dreno era sempre igual, a multidão fugindo aos gritos da gigantesca nuvem sombria de caos, sem conseguir correr rápido o suficiente. Pessoas sendo varridas, suas peles arrancadas dos ossos enquanto ainda estavam vivas para que sentissem a dor, sangue explodindo como se fossem mosquitos sendo esmagados, *ai, meu Deus*.

Sloane estava de pé e ofegante. *Quieta*, disse a si mesma. Os dedos dos pés se curvaram; o chão estava frio ali, na casa do Tenebroso, e ele havia tirado suas botas. Ela precisava encontrar algo pesado ou afiado — as duas coisas juntas era pedir demais, é claro; nunca foi tão sortuda assim.

Abriu as gavetas de forma brusca, encontrando colheres, garfos, espátulas. Um punhado de elásticos. Clipes de metal. Por que ele havia tirado as botas dela? Por que um assassino em massa teria medo da Dr. Martens de uma garota?

*Olá, Sloane*, sussurrou ele em seu ouvido, e ela se engasgou com um soluço desesperado. Puxou outra gaveta e viu vários cabos, as lâminas enterradas em um faqueiro de plástico. Estava pegando o cutelo quando ouviu algo ranger às suas costas, o som de um passo.

Sloane se virou, os pés grudentos no linóleo, e atacou com a faca.

— Puta merda! — gritou Matt, agarrando seu pulso e, por um momento, eles apenas se entreolharam por cima dos braços e do cutelo.

Sloane ofegou quando voltou à realidade. Não estava na casa do Tenebroso, nem no passado, nem em qualquer outro lugar que não o apartamento que dividia com Matthew Weekes.

— Meu Deus.

Sloane afrouxou o aperto no cabo e o cutelo caiu no chão, quicando entre os dois. Matt colocou as mãos nos ombros dela, seu toque quente.

— Você está aí? — perguntou ele.

Matt já havia perguntado isso antes, dezenas de vezes. O supervisor dos Escolhidos, Bert, a chamara de lobo solitário e raramente a obrigara a se juntar aos outros nos treinos ou nas missões. *Deixe-a fazer as coisas do jeito dela*, dissera a Matt quando havia ficado claro que ele era o líder. *Seus resultados vão ser melhores assim*. E Matt obedecera, chamando-a apenas quando necessário.

*Você está aí?* Pelo telefone, em um sussurro, na calada da noite, ou perto do rosto dela quando estava perdida em devaneios. No começo, Sloane ficava irritada com a pergunta. *Claro que estou aqui, onde mais eu estaria, hein?* Mas agora isso indicava que ele entendia algo a seu respeito que os dois nunca admitiram em voz alta: ela nem sempre podia responder que sim.

— Sim — respondeu ela.

— Certo. Fique aqui, está bem? Vou pegar seu remédio.

Sloane se apoiou na bancada de mármore. A faca estava aos seus pés, mas ela não se atreveu a tocá-la de novo. Ficou esperando, respirando, de olho na curva cinza da lâmina que parecia um velho de perfil.

Matt voltou com uma pequena pílula amarela em uma das mãos e o copo d'água da mesa de cabeceira dela na outra. Sloane aceitou ambos com as mãos trêmulas e engoliu a pílula, sôfrega. Que viesse a calma da benzodiazepina. Certa vez, ela e Inês compuseram uma ode bêbada às pílulas, enaltecendo-as por suas lindas cores, por seu efeito rápido e por fazerem o que nada mais conseguia.

Ela pousou o copo na bancada e deslizou para o chão. Sentiu o frio através da calça do pijama — estampada com vários gatos soltando

laser pelos olhos —, mas agora a sensação era estabilizadora. Matt, usando apenas uma cueca boxer, sentou-se ao lado da geladeira.

— Olha... — começou ela.

— Você não precisa dizer nada.

— Claro, quase esfaqueei você, mas um pedido de desculpas não é necessário.

Os olhos dele eram gentis. Preocupados.

— Eu só quero que você fique bem.

Como foi que aquela matéria horrível tinha se referido a ele? “Talvez a pessoa mais gentil do planeta”? Sloane não discordava de Rick Lane, o Tarado, pelo menos não nesse ponto. Matt tinha sobrancelhas unidas em um olhar de perpétua compaixão e um coração condizente com isso.

Ele pegou o cutelo que estava no chão, perto do tornozelo dela. Era grande, quase do tamanho de seu antebraço.

Os olhos de Sloane arderam. Ela os fechou.

— Me desculpe, de verdade.

— Eu sei que você não quer conversar comigo sobre isso — disse Matt. — Mas que tal com outra pessoa?

— Quem, por exemplo?

— A dra. Novak, talvez? Ela trabalha com o Departamento de Assuntos de Veteranos, lembra? Demos aquela palestra juntos no centro de detenção juvenil.

— Eu não sou um soldado — retrucou Sloane.

— Sim, mas ela entende de TEPT.

Ela nunca havia precisado de um diagnóstico oficial — com certeza o que tinha era transtorno de estresse pós-traumático. Mas era estranho ouvir Matt dizer isso com tanta naturalidade, como se fosse uma gripe.

— Está bem. — Sloane deu de ombros. — Eu ligo para ela amanhã de manhã.

— Qualquer um precisaria de terapia, sabe? Depois do que passamos. Quer dizer, Inês fez.

— Inês fez, e ela ainda coloca armadilhas no apartamento como se estivesse vivendo em *Esqueceram de mim* — argumentou Sloane.

— Certo, então ela é um exemplo ruim.

O pequeno holofote na escada dos fundos brilhava pelas janelas, o brilho amarelo-alaranjado banhando a pele escura de Matt.

— Você nunca precisou — apontou Sloane.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Por que você acha que eu vivia sumindo no ano seguinte à morte do Tenebroso?

— Você disse que estava indo ao médico.

— Que tipo de médico precisa ver o paciente uma vez por semana durante *meses*?

— Eu não sei! Achei que tivesse alguma coisa errada com... — Sloane apontou para a própria virilha. — Você sabe. Os meninos ou alguma coisa do tipo.

— Deixa eu ver se entendi. — Matt estava sorrindo. — Você achou que eu tinha algum tipo de condição médica constrangedora que precisou de pelo menos seis meses de consultas regulares... e *nunca* me perguntou o que era?

Ela conteve um sorriso.

— Você parece meio decepcionado.

— Não, não. Só impressionado.

Quando se conheceram, ele era um menino magricela de treze anos com um corpo comprido que parecia não saber onde as coisas começavam ou terminavam, mas Matt sempre teve aquele sorriso.

Sloane se apaixonara por ele várias vezes antes de perceber que estava apaixonada — quando ele gritava suas ordens mais alto que o vento ensurdecedor de um Dreno, garantindo a sobrevivência de todos; quando ficava acordado com ela nas longas viagens noturnas pelo interior, mesmo depois de todos os outros terem dormido; quando ele ligava para a avó e sua voz ficava mais suave. Matt nunca deixava ninguém para trás.

Ela contraiu os dedos dos pés no azulejo.

— Eu já fiz, sabia? Terapia — contou Sloane. — Fui por alguns meses quando tínhamos dezesseis anos.

— É mesmo? — Ele franziu a testa de leve. — Você nunca me contou.

Havia muitas coisas que Sloane não contara para ele nem para ninguém.

— Eu não queria deixar ninguém preocupado. E ainda não quero, então... não conte para os outros, está bem? Não quero ver uma matéria na merda da *Esquire* com a manchete “Rick Lane Avisou”.

— Pode deixar. — Matt pegou a mão dela e entrelaçou seus dedos.

— A gente devia ir para a cama. Temos que nos levantar daqui a quatro horas para a inauguração do monumento.

Sloane assentiu, mas eles continuaram sentados no chão da cozinha até o remédio fazer efeito e ela parar de tremer. Então Matt guardou a faca, ajudou a namorada a se levantar e os dois voltaram para a cama.

ULTRASSECRETO



AGÊNCIA DE PESQUISA E  
INVESTIGAÇÃO DO SUPRANORMAL

4 de outubro de 2019

Srta. Sloane Andrews



Referência: H-20XX-74545

Prezada srta. Andrews:

Em 13 de setembro de 2019, o escritório da Coordenação de Informações e Privacidade recebeu seu requerimento enviado em 12 de setembro de 2019, relativo à Lei da Liberdade de Informação (LLI), solicitando informações ou registros sobre o Projeto Sósia.

Muitos dos registros solicitados ainda são confidenciais. No entanto, devido aos seus anos de serviço ao governo dos Estados Unidos, concedemos acesso a todos os documentos, exceto aos que exigem uma habilitação de segurança de nível mais alto. Fizemos uma pesquisa em nosso banco de dados de registros liberados anteriormente e localizamos os documentos em anexo, totalizando 120 páginas, que acreditamos atender à sua solicitação. Não há cobrança por esses documentos.

Atenciosamente,

Mara Sanchez

Coordenadora de Informações e Privacidade

ULTRASSECRETO

QUINZE ANOS ATRÁS, cinco adolescentes foram arrancados de suas famílias para cumprir uma profecia. Os Escolhidos, como ficaram conhecidos, seriam os únicos capazes de derrotar o Tenebroso, um ser extremamente poderoso que destruiu cidades e causou milhares de mortes pela América do Norte.

Os cinco foram treinados para travar combates mágicos, enfrentaram horrores inimagináveis e deram tudo de si para derrotá-lo. Quando conseguiram, o mundo voltou ao normal... exceto para eles, que agora são as pessoas mais famosas do planeta, apesar de já terem cumprido seu propósito.

Dentre os Escolhidos, Sloane é quem mais tem dificuldade para reconstruir a vida. Todos acreditam que isso se deve ao estresse pós-traumático — e à sua personalidade antipática e rebelde —, mas ela guarda segredos que a mantêm presa ao passado e a afastam das únicas pessoas que a entendem de verdade.

Até que um dos Escolhidos morre. Ao se reunirem para o velório, algo terrível acontece, e eles descobrem que o objetivo do Tenebroso sempre foi muito maior do que o governo ou a profecia diziam — maior até do que a própria Terra. E derrotá-lo outra vez pode exigir mais do que os quatro têm a oferecer.

Em meio a segredos de Estado e eventos letais inexplicáveis, a primeira ficção adulta da autora da série *Divergente* aborda com uma perspectiva única, sensível e eletrizante o que acontece após feitos heroicos e o preço de ser responsável por salvar a humanidade.

**SAIBA MAIS:**

[www.intrinseca.com.br/livro/1185/](http://www.intrinseca.com.br/livro/1185/)